

## Aristóteles Drummond

### Surgiu uma esperança

Os setores mais responsáveis da nacionalidade, com ênfase para empresários e empreendedores e classes médias sem militância ideológica, estão insatisfeitos com a polarização que torna o Brasil ingovernável, ganhe quem ganhar. E o motivo é a crise na economia que tem previsão de ocorrer no próximo mandato, pois, com a polarização, não haverá consenso e, sem consenso, medidas amargas, mas necessárias, não serão aprovadas.

A sociedade aspira um governo conciliador, identificado com o liberalismo econômico, que abra a economia para o capital, contenha gastos e melhore a qualificação da mão de obra, sem a qual o subemprego vai continuar a dominar e a estimular o ócio e a informalidade que os generosos programas sociais facilitam.

O indiscutível relacionamento e pedido de favores ao Banco Master do filho candidato pode ser a ponta do iceberg. O rapaz não é brilhante, não tem o carisma popular do pai, tem problemas a aflorar na campanha. Rachadinhas, imóveis de alto luxo e outros casos que dão margem a conclusões negativas. O presidente Lula não tem o que apresentar ao país, senão gastos generosos que fizeram aumentar os juros, o déficit público, o endividamento e a estagnação dos

investimentos produtivos. Tem problemas em seu grupo ideológico, que hostiliza o setor mais consciente e realista das esquerdas. Não tem como crescer e pode até desistir da reeleição pela idade, que recomenda sair consagrado por três mandatos no lugar de sair pela derrota, que certamente vai ocultar o feito dos três mandatos.

Percebendo que a sociedade quer moderação, experiência, abertura econômica, para melhorar o salário médio, e o preparo da mão de obra, para aumentar a produtividade, que anda baixa para uma economia como a nossa, os candidatos Caiado e Zema ganham espaço e deveriam se unir e atrair o lúcido e experiente Aldo Rebelo, com pouco voto, mas credibilidade, coragem e bom senso.

Retirar-se da eleição, com uma família de um lado e um bando ideológico do outro, é uma aspiração legítima. Os dois ex-governadores pelo centro-direita e o atual vice, do centro-esquerda, poderiam oferecer um quadro mais confiável para a crise não aprofundar problemas na gestão do sucessor deste governo.

Este reposicionamento, viável pelo envolvimento de alguma maneira dos dois lados com o caso Master, parece inevitável.

## Victor Corrêa\*

### Epidemia de solidão

Desde criança, convivi com a escassez. Lembro que meus pais faziam as compras do mês e eu e meu irmão mais velho abríamos as sacolas com alegria. Todo primeiro fim de semana do mês minha mãe fazia lasanha. Era uma maneira informal de celebrar a fatura, que infelizmente durava pouco.

Quase sempre as compras acabavam na metade do mês. A partir daí, eram brigas e mais brigas. Por volta dos 10 anos, passei a querer brincar só no quarto.

Habitei a solidão sem nem saber o que era. Mas eu sabia que era o dinheiro, ou a falta dele, que deixava meu pai nervoso. Eram três filhos para alimentar e um dinheiro que não sobrava nunca. Minha mãe sempre representou o amor, a ponderação e o equilíbrio.

Quando a internet chegou em casa, me isolei de novo. Só que, dessa vez, parecia diferente. Na tela do computador, eu podia falar com várias pessoas ao mesmo tempo. Hoje, olhando para o que as redes sociais se tornaram, entendo que aquilo também era uma forma de ilusão.

Meu pai também descobriu a solidão em uma padaria perto de casa. Era lá onde ele bebia, sozinho, e tentava escapar dos problemas reais.

Essa não é só a história da minha família. É a história de muitas casas brasileiras onde a falta de dinheiro organiza o humor, o silêncio, o medo e até a forma como as pessoas se afastam umas das outras.

Uma pesquisa recente mostrou que quatro em cada dez brasileiros se sentem solitários. O fenômeno atinge com mais força mulheres, jovens e pessoas de baixa renda. O dado chama atenção, mas talvez não surpreenda quem cresceu em casas onde o fim do mês chegava antes do salário, onde a conversa virava briga e onde o quarto parecia o único lugar seguro.

A solidão não é apenas estar sozinho. Muitas vezes,

é não se sentir escutado de verdade, mesmo cercado de gente. É estar em casa e, ainda assim, não encontrar lugar para dizer o que se sente.

A criança que vai para o quarto nem sempre está sendo antissocial. Às vezes, está apenas tentando se proteger de uma casa imprevisível.

A solidão também atravessa gerações de formas diferentes. Crianças crescem cercadas de telas antes mesmo de aprenderem a nomear o que sentem. Idosos, muitas vezes, descobrem que a tecnologia aproxima, mas nem sempre acompanha. Entre um grupo e outro, há uma promessa parecida: estar conectado. O problema é que conexão não é necessariamente vínculo.

Hoje, a solidão já aparece como questão global de saúde pública. A Organização Mundial da Saúde estima que uma em cada seis pessoas no mundo seja afetada por ela, e a Assembleia Mundial da Saúde passou a tratar a conexão social como prioridade global.

No Brasil, esse debate não pode ser reduzido à ideia de que basta estar cercado de gente para não se sentir só. Há solidões que nascem da pobreza, da falta de tempo, da ausência de espaços públicos, da sobrecarga das mulheres, da vida digital que promete conexão e da rotina apertada demais para caber afeto com calma.

Por isso, enfrentar a solidão não é apenas recomendar terapia, aplicativo de meditação ou conselho de bem-estar. Passa também por renda, moradia, creche, praça, transporte, assistência social, cultura, saúde pública e por famílias que não precisem gastar toda a energia tentando chegar ao fim do mês. Quando o dinheiro sai por uma porta, o amor sai pela janela.

**\*Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas pela Fundação Getúlio Vargas.**

## Helcimara Telles\*

### O custo democrático do silêncio no campus

É impossível ignorar o agravamento da violência política no Brasil. Mais preocupante é perceber que esse ambiente de hostilidade já atravessa os muros da universidade. Um espaço que deveria estimular pensamento crítico, dúvida e confronto civilizado de ideias passa, em muitos casos, a reproduzir lógicas de intimidação. Quando grupos organizados tentam impor uma única leitura da realidade, o debate encolhe e o dissenso passa a ser tratado como desvio.

O problema não está na presença de movimentos sociais, legítimos e muitas vezes indispensáveis ao avanço democrático. O desvio começa quando a militância e quadros da comunidade universitária deixam de conviver com a pluralidade e passam a exigir adesão. Nesse ponto, qualquer crítica vira ofensa, qualquer discordância vira agressão simbólica, e o espaço acadêmico perde sua razão de ser. À direita ou à esquerda, transformar divergência intelectual em falha moral sufoca a liberdade universitária.

Desse fechamento nasce um ambiente punitivo. A cultura do cancelamento opera como tribunal apressado: alguém expressa uma opinião incômoda, um grupo a classifica como intolerável, a acusação se espalha e a condenação vem antes de qualquer reflexão. Em vez de argumentos, há difamação; em vez de debate, há intimidação. Onde o medo se instala, a inteligência recua.

É nesse ponto que a teoria da espiral do silêncio, de Elisabeth Noelle-Neumann, ajuda a compreender o problema. Quando percebem que sua opinião é minoritária ou malvista, indivíduos tendem a se calar para evitar isolamento e retaliação. Nas universidades, isso se agrava: professores e estudantes, com medo de rótulos, exposição ou cancelamento, deixam de levantar dados, relatar constrangimentos ou formalizar críticas. O silêncio dos divergentes cria a ilusão de unanimidade e fortalece ainda mais quem já domina a cena.

Os efeitos são profundos: restringe-se a discussão pública, reforça-se a sensação de que apenas uma visão é aceitável e amplia-se a desigualdade entre quem pode falar sem custo e quem aprende a se calar para sobreviver socialmente. Em ambientes polarizados, uma crítica basta para acionar rótulos desqualificadores. Grupos fechados em suas próprias causas perdem a capacidade de escuta, criam bolhas e pretendem transformar a universidade em arena de pensamento único, quando ela deveria ser um espaço de elaboração crítica do conhecimento.

Se a universidade quiser preservar sua relevância democrática, precisará reagir. Isso significa defender uma cultura institucional plural e não punitiva, em que divergência não seja confundida com agressão. Pessoas devem ser protegidas, mas ideias precisam continuar expostas ao exame, à contestação e ao contraditório. Sem isso, o ambiente acadêmico deixa de formar cidadãos livres e passa a reproduzir conformismo.

Na prática, isso exige debates realmente plurais, escuta ativa e ensino comprometido com o pensamento crítico, não com fidelidades ideológicas ou teóricas. Professores devem apresentar teorias em sua pluralidade; estudantes, ser encorajados a discordar com respeito e sem medo de represálias. Coletivos têm papel importante, mas não podem reivindicar o monopólio da legitimidade moral.

Romper a espiral do silêncio dentro da universidade não é um capricho teórico, mas uma exigência democrática. Se o campus se tornar um lugar onde só se fala sob permissão, perderemos não apenas a liberdade acadêmica, mas a própria ideia de universidade.

**\*Doutora em Ciência Política e Professora da UFMG**

#### O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA \* POR BARROS MIRANDA



##### HÁ 95 ANOS: GOVERNO ESPANHOL VAI EXPULSAR OS PRELADOS MONARQUISTAS DO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 20 de maio de 1931 foram: Depois do protesto do Vaticano, governo espanhol vai expulsar os prelados monarquistas. Argentina fará exposição de seus produtos na Inglaterra e no Canadá. Correio da Manhã visita o Centro e a Escola Naval de Aviação.

##### HÁ 75 ANOS: BRASIL ESTARÁ NA CONFERÊNCIA INTERPARLAMENTAR DO CAIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 20 de maio de 1951 foram: ONU aprova o embargo de materiais à China Comunista. Países discutem a inclusão de Turquia e Grécia no Pacto do Atlântico. Congresso mantém veto ao ingresso de subalternos no Exército e da quitação pelo Governo de núcleos coloniais. Senado aprova participação do Brasil na Conferência Interparlamentar do Cairo.